

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

Ano 3 - Número 5 - Julho a Dezembro de 2006

[início](#)

A MULHER DO PÓS-GUERRA NAS COLUNAS FEMININAS ESCRITAS POR CLARICE LISPECTOR NA IMPRENSA CARIOCA ¹

Aparecida Maria Nunes
UNINCOR

ABSTRACT - Everything started with an invitation. It was the year of 1952 and Rubem Braga, in partnership with Joel Silveira and Rafael Corrêa de Oliveira, decides to launch a weekly politician. The journal would have a feminine page and the name of Clarice Lispector is remembered. The writer accepted the invitation to write the column, but with a condition: to use itself a pseudonym. The journalist Tereza Quadros appears. E thus gives the incursion of Clarice Lispector in this craft to publish narratives in form of advice, prescriptions and secrets for a specific public-target: the woman. But the taste for the interdict, the space between lines and the small essential details for the understanding of Clarice's literature is also in almost the 500 columns that produced between the decades of 1950 and 1960, still being Helen Palmer of the *Correio da Manhã* and Ilka Soares of the *Diário da Noite* . This face of Clarice is unknown. But it is exactly in way to femininity prescriptions and of as to be woman from whom we go to find a delicious panel of the culture of those golden years and of the conflicts of the feminine soul.

1. O DESAFIO

Clarice Lispector não era jornalista, tampouco gostava de atuar na imprensa. Mas foi justamente nas redações de jornais da cidade do Rio de Janeiro que a ficcionista conseguiu publicar seus primeiros textos, alguns deles até hoje inéditos, ² e desenvolver diversas atividades, estabelecendo, paralelamente à sua longa atividade literária, relações com um tipo de público diferente do de seus livros.

Desde criança, Clarice Lispector já enviava seus trabalhos para publicação em jornais. Aos sete anos, por exemplo, com a ajuda da irmã Tânia Kaufmann, encaminhava semanalmente suas histórias para a seção “Diário das Crenças” do *Diário de Pernambuco* . Histórias essas que nunca foram publicadas, segundo a própria Clarice pelo fato de as histórias selecionadas narrarem fatos

e os da pequena Clarice, sensações.

A estréia da ficção de Clarice Lispector acontece com o conto “Triunfo”, na revista *Pan*, em 1940, em três páginas, com ilustrações primorosas que realçam o ambiente familiar e momentos de tensão na vida de um casal, Luísa e Jorge. Como naquelas histórias que enviava para o jornal de Recife, “Triunfo” antecipa tendências da futura narrativa clariceana, quer pela maneira como a escritora molda o perfil emocional da mulher que busca entender o conflito de suas relações com o companheiro, quer pelo relato minucioso das sensações que experimenta quando não consegue viver plenamente a vida amorosa. São as tais sensações, percebidas desde criança pela escritora, e aqui narradas a partir do drama conjugal.

Mas é também no início da década de 1940 que Clarice Lispector atua na Agência Nacional, órgão ligado ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo de Getúlio Vargas. Clarice deveria exercer aí as funções de tradutora. No entanto, foi encaminhada para a reportagem porque o quadro de trabalho dos tradutores estava completo. Clarice, então, escreve reportagens e artigos que seriam distribuídos aos jornais do Rio de Janeiro e de outros Estados, divulgando o governo de Getúlio Vargas.

Ao se casar com Maury Gurgel Valente em 1943, Clarice continuará por algum tempo no Rio de Janeiro. Trabalha na imprensa carioca e lança seu primeiro livro *Perto do coração selvagem* no final desse mesmo ano. Depois parte para Belém do Pará antes de iniciar viagem ao exterior, acompanhando o marido em missão diplomática.

Durante esse período, Clarice dedicar-se-á à escritura de seus livros. Mas, em 1952, quando o casal Valente visita o Brasil e permanece no Rio de Janeiro por alguns meses, antes de Maury ser transferido para Washington, nesse intervalo de tempo, de maio a setembro, Clarice retorna ao jornalismo, aceitando convite de Rubem Braga.

Nos anos 1950, Clarice Lispector já era escritora consagrada. E não é à toa que Rubem Braga a convida para fazer parte da equipe do tablóide *Comício*, que iria às bancas para fazer oposição ao governo de Getúlio Vargas. Vale salientar que, além de Rubem Braga, o semanário também era dirigido por Joel Silveira e Rafael Corrêa de Oliveira.

Sob o pseudônimo de Tereza Quadros, Clarice Lispector publicará nesta sua coluna feminina alguns rudimentos de crônica em página onde se misturam conselhos de etiqueta, moda, culinária, maquiagem, postura e tudo o mais que cerca o universo da mulher, mãe e esposa. “Entre Mulheres”, nome da coluna, marca, então, em 1952, o ponto de partida dessa nova atividade desempenhada por Clarice na imprensa, que seria retomada em outros periódicos sob outros pseudônimos, alguns anos mais tarde.

Clarice será também a Helen Palmer da “Feira de Utilidades” do *Correio da Manhã* (RJ), de 1959 a 1961. E ainda a *ghost writer* da atriz e manequim Ilka Soares, na coluna “Só para Mulheres” do *Diário da Noite* (RJ), de abril de 1960 a março de 1961.

Eis aí uma Clarice não divulgada e pouco conhecida. Manejando linguagem peculiar, acessível ao público em geral, tratando de amenidades e coisas triviais, temos uma autora totalmente diferenciada da que escreve de forma hermética, como ficou conhecida por muitos.

Aliás, sobre a versatilidade de Tereza Quadros, a própria Clarice Lispector, em carta a Fernando Sabino, em 30 de agosto de 1953, chegou a comentar: “ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista enfim”.

2. O JOGO DE DISFARCES

A página de Tereza Quadros, como a própria concepção da personalidade criada por Clarice Lispector para a colunista, não poderia deixar de ser dinâmica. “Entre Mulheres” compõe-se de pequenos textos narrativos sobre beleza, decoração, moda e comportamento, sob a forma de conselhos, receitas e segredos.

Trabalhando com assuntos comuns à mentalidade do público feminino da época, Tereza Quadros acabará por adquirir a confiança de quem a lê. Conversa sobre coisas simples, revela segredos, apresenta novidades da Europa, ensina como tornar a vida prática. O que mais? Faz com que sua companheira de bate-papo se sinta diferenciada, especial, feminina.

A colunista, no papel de amiga íntima e velha conhecida, apontará alguns inimigos: o tempo, a inexperiência, a falta de informação. Tudo em linguagem acessível, em tom coloquial. Afinal, a página pressupõe uma conversa entre mulheres, como indica o próprio nome da coluna.

Há um substrato em que Clarice se baseia para compor a fala de Tereza Quadros. Joel Silveira conta que *Comício* recebia muitas publicações, principalmente de uma senhora alemã, chamada Lothe, que fazia doações. Assim sendo, os números de *Bunte*, *Paris Match* e *Jour de France* eram entregues a Clarice e ela retirava desse material o que lhe fosse conveniente.³ E utilizaria, provavelmente, o livro italiano *Ricettario domestico - Enciclopedia moderna per la donna e per la casa*, que estava entre os livros da escritora doados à Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.⁴

Na brincadeira lúdica, mesclada de receitas de ficção e de aprendizado no lar, a página feminina de *Comício*, porém, não se apresenta como uma simples página feminina, apesar da prosa amigável de quem se dispõe a ser confidente e conselheira. A edição de 08 de agosto de 1952, por exemplo, deixa transparecer a maneira pela qual Clarice Lispector se pautava ao escrever suas páginas na imprensa feminina, simulando o que talvez poderia ser mais uma de suas personagens: Tereza Quadros. Os pequenos textos aparentemente inofensivos da coluna, na verdade, são apologias ao jogo de disfarces, no qual vai iniciando sua leitora. Aliás, é interessante ressaltar que a dissimulação oculta aquilo que realmente se quer dizer. Por isso, a dissimulação está próxima da simulação, aquilo que aparece. E é incitando sua interlocutora a fazer uso do disfarce que Tereza Quadros sugere um modelo para o inverno e alguns exercícios para a coluna vertebral, além de inserir uma crônica da Condessa de Noailles e de continuar a conversar com a leitora através das seções “Aprendendo a viver” e “Conselhos de minha vizinha”.

Na receita de vestir, a colunista ensina que, na grande moda, “são os pequenos detalhes, quase imperceptíveis, que constroem o conjunto”. Por isso, o corte “raglan” das mangas, combinando com uma lapela ovalada, esconde as linhas retas e tira a “severidade do sóbrio tecido de inverno”. E a leitora aprende que os detalhes da moda ajudam a compor o feitio, simulando elegância e bom gosto. Mas também aqui, através da fala de Tereza Quadros, se pode identificar o recurso pelo qual Clarice Lispector se pautou para compor suas páginas femininas e que de certa forma caracteriza sua ficção: o gosto pelo interdito, pelas entrelinhas, pelos pequenos detalhes que remetem a significações outras.

Até o que poderia ser uma simples receita para a correção da posição do corpo exorta, na página de Tereza Quadros, a mulher a refletir sobre a questão

da aparência enganadora. Antes de descrever os exercícios que selecionou para a correção da postura, a colunista escreve uma introdução ensinando que “não há rendas nem veludo nem jóia que dê tanto encanto a ponto de disfarçar uma posição má do corpo”. Assim, a leitora aprende que nem sempre o que está oculto fica imperceptível. Existem os tais detalhes que emergem no campo do fingimento sinalizando aquilo que de fato é.

3. AS RECEITAS DE MATAR

As ações sugeridas pela colunista não se restringem apenas ao comer, ao vestir, ao limpar, ao enfeitar-se. Há ainda o ato de matar que deve ser apreendido com eficiência e técnica pela dona-de-casa. Afinal, ela também deve proteger o lar de intrusos. Das baratas, por exemplo, na edição de 08 de agosto de 1952.

Assim, conferindo outra função à sua interlocutora, a de matar, Tereza Quadros não guardará segredo sobre os ingredientes e o modo de aviar essa nova receita, que se pretende eficaz e que é diagramada discretamente na coluna, como todo bom disfarce. E, ritualisticamente, convida a leitora para mais uma iniciação. Eis como tudo se processa:

MEIO CÔMICO, MAS EFICAZ ...

De que modo matar baratas? Deixe, todas as noites, nos lugares preferidos por esses bichinhos nojentos, a seguinte receita: açúcar, farinha e gesso, misturados em partes iguais. Essa iguaria atrai as baratas que a comerão radiantes. Passado algum tempo, insidiosamente o gesso endurecerá dentro das mesmas, o que lhes causará morte certa.

Na manhã seguinte, você encontrará dezenas de baratinhas duras, transformadas em estátuas.

Há ainda outros processos. Ponha, por exemplo, terebentina nos lugares freqüentados pelas baratas: elas fugirão. Mas para onde? O melhor, como se vê, é mesmo engessá-las em inúmeros monumento-zinhos, pois “para onde” pode ser outro aposento da casa, o que não resolve o problema.

É evidente que estamos diante de uma receita diferente das que se inserem nas tradicionais colunas femininas. “Meio cômico, mas eficaz...” é texto embrionário do conto “A quinta história” de Clarice Lispector e, portanto, a receita que aqui se inscreve não tem a mesma finalidade das outras distribuídas pela página.

Os ingredientes são todos de uso doméstico - açúcar, farinha e gesso. O lugar onde a ação deve ser praticada também é o do lar. E o problema levantado faz parte da manutenção de limpeza e higiene de qualquer casa. Como se vê, a receita de matar baratas segue os mesmos padrões de outras receitas da imprensa feminina, o que poderia levar uma leitora distraída a não perceber a verdadeira natureza dessa receita marota que se mistura a outras tão comportadas.

Se Tereza não fosse Clarice, talvez a página feminina de *Comício* nada teria a acrescentar a outras páginas femininas, tão iguais.

Mas é importante salientar que a receita de matar baratas vai adquirindo formatos variados ao longo da ficção de Clarice Lispector. Publicada inicialmente, como vimos, em *Comício*, essa historieta foi inserida novamente, com algumas variações, mas ainda como receita, em outra página feminina que

escreveu, a do *Diário da Noite*, em 1960. Depois em *Senhor*, no ano de 1962, transforma-se em conto para, finalmente, estar no livro *A legião estrangeira*, de 1964.

Tendo em vista esse percurso e as transformações pelas quais passou essa receita, percebemos que tal história permaneceu por muitos anos no imaginário da escritora, sendo depurada e aperfeiçoada até encontrar a forma definitiva de “A quinta História”, que, na verdade, revela-se, ao final, como sendo não definitiva. Poderia haver uma outra. E mais outra. Essa é a lição que a seqüência de textos sobre o mesmo tema nos revela, ao nos desvendar as artimanhas literárias de sua autora.

4. O LABORATÓRIO DE FEITIÇARIA

Em tantas histórias de odiar, amar e matar que compõem o universo ficcional de Clarice Lispector, evidencia-se o papel de feiticeira que a colunista se atribui, procurando iniciar também sua interlocutora em tal aprendizado.

Não é à toa que Clarice Lispector, quando *ghost writer* de Ilka Soares, cria, na coluna “Só para mulheres”, uma seção denominada “Laboratório de Feitiçaria”. Ainda sob a forma de disfarce, Clarice convida sua leitora de jornal, a distraída dona-de-casa, a se tornar uma bruxa moderna e a transformar a cozinha em laboratório de experiências. Se as tradicionais páginas femininas apresentam receituários das mais variadas ordens, a coluna escrita por Clarice mantém aparentemente o mesmo cânone, porém, veladamente, inicia sua aprendiz a manipular “ingredientes alquímicos” e a instiga a elaborar o tão almejado elixir da longa vida. A imagem da bruxa também surge renovada, escondida sob o disfarce da mulher que se dedica ao lar. E pela articulação discursiva envolvente, mediante a possibilidade de transformar sua leitora em feiticeira moderna, Clarice a conduz ao mundo da manipulação. Eis como inicia a série, em 16 de agosto de 1960:

Em casa mesmo você poderá fabricar seus cremes de beleza, como uma feiticeira moderna que faz sozinha seu elixir de longa juventude.

Feiticeira quase sempre trabalha com fogo. Você também, tanto que a cozinha será o quartel-general. Também porque lá se encontra o liquidificador – outro instrumento da feiticeira moderna.

É no fogo, por exemplo, que você preparará um xampu especial para cabelos gordurosos. Receita fácil: derreta dez centímetros de sabão de coco (em barra) em ½ litro de água morna, acrescente 100 gramas de glicerina líquida. Deixe esfriar – e então adicione o suco de um limão.

Clarice chama sua leitora de “feiticeira moderna”, numa tentativa de aflorar no íntimo de quem a lê a convicção de que ela - a interlocutora - detém um poder para transformações. O caldeirão e os outros utensílios para a confecção de poções mágicas estão bem ali - ao alcance de suas mãos. A bruxa moderna manipula suas fórmulas secretas na... cozinha. Aliás, a cozinha sempre foi o espaço onde a mulher pôde se mover e produzir sua fala com maior liberdade. E agora é local de bruxarias. Mas a feiticeira também mata para proteger o lar. E é assim que novamente a receita de matar baratas é reaproveitada, estratégia comum no trabalho de escrever de Clarice Lispector. No entanto, o título, desta vez, sugere um ato macabro: “Receita de Assassinato”.

Comparada à receita de matar baratas de *Comício*, a do *Diário da Noite* está

mais próxima da escritura do conto “A quinta história”. É dividida em três passos como as três primeiras histórias do conto. Por isso, relacionando a receita de jornal à receita do conto, podemos verificar o quanto de semelhança já se estabelece. Nessa última versão, não aparece a figura da vizinha ou da senhora que ouviu a queixa e ensinou a receita. O enfoque recai nas fases, meticulosamente observadas, de atração, sedução e morte. Afinal, um crime deve ser estrategicamente planejado, sem deixar pistas. Confira:

RECEITA DE ASSASSINATO (DE BARATAS)

Deixe, todas as noites, nos lugares preferidos pelas baratinhas horríveis, a seguinte comidinha: açúcar, farinha e gesso, misturados em partes iguais.

Comida ruim? Para baratas é uma iguaria que as atrai imediatamente
O segundo passo, pois, é dado pelas próprias baratas que comerão radiantes o jantar.

O terceiro passo é dado pelo gesso que estava na comida. O gesso endurece lá dentro delas, o que provoca morte certa. Na manhã seguinte dezenas de baratas duras enfeitarão como estátuas a vossa cozinha, madame

A receita de matar também pode ser uma receita de sedução, no sentido de que a autora criminosa aproveita alguns procedimentos dessa armadilha: deve atrair para atacar. Por isso toma outros cuidados. A mulher não deve aparecer no momento do assassinato. Mas deve conhecer os hábitos da vítima para aí preparar a cena do crime, isto é, estudar os lugares freqüentados pelas baratas para deixar o veneno sob a forma de iguaria. E as baratas são horríveis, sugere ardilosamente a narradora, no seu jogo discursivo, para comprometer a leitora em sua artimanha.

O local do crime é também o local do laboratório de feitiçarias. E os ingredientes que compõem o veneno e preparam o assassinato são os mesmos utilizados em outras receitas inocentes, feitas para agradar a família. Com exceção do gesso, que meticulosamente é incluído à fórmula tão apetitosa.

A crueldade com tom sádico surge como resultado de quando o processo de sedução chega ao fim, na conquista do objeto desejado. Assim como as baratas transformadas em estátuas não oferecem mais risco e adquirem a função de adorno, o objeto de qualquer tipo de sedução depois de seduzido passa a ser simplesmente um motivo de contemplação após o gozo da conquista.

5. O APRENDIZADO DA SEDUÇÃO

São muitas as seções que Clarice Lispector criou para a coluna de Ilka Soares.⁵ Todas com a finalidade de resolver os problemas da mulher moderna. Mas existe uma que atrai a curiosidade desde o título e que foi publicada a partir de junho de 1960. Trata-se da série “Aulinhas de sedução”.

O título da seção é trabalhado em letra manuscrita, com um delicado coração no lugar da letra “o” da palavra “sedução”. O título traz ainda o desenho de uma tesoura aberta, sugerindo à leitora que recorte os conselhos, colecionando-os para consulta.

São também variados os assuntos tratados nessas aulas. Desde um rápido “Cursinho sobre perfume”, passando pelas dicas de “Eles detestam...”, até os ensinamentos de “Descobrimo o próprio *sex-appeal*”.

Na primeira aula, a colunista orienta a leitora sobre sedução e beleza. Acompanhe:

“Ela não é bonita, mas...”. É, mas é sedutora. A beleza apenas não interessa aos homens. E nas amizades, também não é a beleza que conta. O “sex-appeal” interessa por pouco tempo, é fogo de palha. Mas a sedução prende. É coisa mágica: envolve, mesmo que não se entenda de que modo. Talvez você não seja bonita. Não tem importância. Você pode ser irresistível sem ter beleza. Depende de você, em grande parte. Esta é a primeira aulinha. Talvez você pense que não aprendeu nada de positivo. Mas aprendeu, sim. Aprendeu que ser amada não depende de beleza. (*Diário da Noite*, 02 jun. 1960, p.18)

Na verdade, esta primeira aula tem o intuito de preparar a leitora para os segredos da sedução, que ela própria deve se esforçar por entender e praticar. Não existe uma fórmula exata de sedução que a mulher possa aplicar com resultados imediatos. Ela terá de descobrir por si só.

A colunista, então, ensina sua aluna a distinguir beleza de sedução. Reforça que, para ser amada, a mulher não precisa ser bela. Assim, em tom protetor, consola aquela leitora que se sente rejeitada pela vida por não possuir dotes de beleza. Haverá um caminho: o da sedução. Mas o que é seduzir? Um processo de difícil entendimento. É algo mágico, frisa a colunista, que não se conhece muito bem, mas que tem lá seus efeitos.

Tentando explicar o segredo da magia, Baudrillard afirma que a “eficácia simbólica” de uma palavra adquire cada vez mais efeito quando “é proferida no vazio, quando não tem contexto nem referencial”, porque não é exatamente o proibido que seduz, mas “a falta de sentido da proibição” que seduz, arremata Baudrillard (BAUDRILLARD, 1991, 86).

Por isso, nem a magia nem a sedução são da ordem do crer ou do fazer crer, pois se utilizam de signos sem credibilidade e de gestuais sem referência cuja lógica é não a da mediação mas a da imediatez de qualquer signo, seja qual for.

Já que o enfeitamento se faz daquilo que está oculto, conforme Baudrillard, no perfume temos uma das formas de sedução. Clarice Lispector deveria ter percebido isso de alguma maneira, pois o seu primeiro cursinho nas tais “aulinhas de sedução” é justamente sobre o perfume.

O “cursinho” se desenvolveu em seis aulas.⁶ Passo a passo, a leitora aprendia que o perfume deve ser uma emanção da personalidade, acentuando a presença da mulher, ao envolvê-la discretamente. Depois, é instruída em como e onde aplicar. Nunca na roupa e sempre na pele. Também é preciso observar o tipo de perfume ou a quantidade aplicada para quando for almoçar ou jantar, pois a comida poderá ser envenenada pelo cheiro forte e as pessoas perderem a fome. Na quarta aula, a leitora aprende como escolher e como conservar o perfume. Os frascos pequenos são os melhores. Nos grandes, o perfume evapora-se antes que se tenha tempo de usá-lo. O calor e a claridade alteram a essência do perfume. Portanto, não se deve guardá-lo em locais iluminados pelo sol ou expostos à luz. Por fim, onde aplicar: uma gota atrás da orelha, nos pulsos, na nuca, nas têmporas ou no “interior dos cotovelos” (dobra do antebraço com o braço).

Os segredos sobre o uso do perfume foram também publicados, com outra redação, na coluna de Tereza Quadros, pseudônimo de Clarice Lispector para o tablóide *Comício*, em 1952. Assim, como segredos de beleza, a arte de escolher e aplicar perfumes cruza as páginas femininas que Clarice Lispector escreveu, independentemente do pseudônimo e das características do

periódico, numa clara demonstração de que os segredos femininos podem atravessar anos, décadas e gerações sem perder a atualidade.

6. OS PADRÕES DE BELEZA

A fala de Clarice Lispector, nessas páginas femininas, é movida pela dissimulação. A começar pelo disfarce que usa para chegar à casa das leitoras. Clarice é Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares. Existe, de antemão, uma máscara. Máscara essa objeto da sedução, à espera do ser seduzido. Não tem a pretensão da verdade. Apenas seduz. E isso basta.

Enquanto Helen Palmer, Clarice também usou de semelhante estratégia e construiu um discurso semelhante, sugerido pelo departamento de relações públicas da Pond's para divulgar os produtos da marca e criar hábitos de consumo nas tais leitoras desavisadas. A estratégia de ação foi idealizada por Lourdes Gonçalves em documento conservado por Clarice Lispector em seus guardados. Por isso,

“Feira de Utilidades” não terá características de publicidade, divulgando através de notas e crônicas, produtos e conselhos de interesse do cliente. Esta coluna não mencionará nomes de produtos ou firmas, porque isso lhe daria o caráter de anúncio ou de matéria paga. Será utilizada, entretanto, a seguinte técnica: usar-se-á, na apresentação da idéia, a linguagem mais aproximada da que se emprega nos respectivos anúncios, utilizando-lhes, com habilidade, a argumentação e focalizando o tema do anúncio. Isto contribuirá para a identificação “subliminal” do produto, admitida a hipótese de que a leitora já tenha tido contacto com a campanha de propaganda através dos grandes veículos.

O documento insere ainda modelo dos textos propostos para a divulgação dos produtos da Pond's. No caso do Creme S, a colunista Helen Palmer poderia aconselhar sua leitora, utilizando a técnica da publicidade subliminar, indicando não a marca, mas mencionando um atributo próprio do produto, no caso o uso de um creme à base de lanolina umedecida, que penetra mais profundamente na pele.

Além do mais, tais idéias tinham também por meta levar a mulher com mais idade, aquela com mais de trinta anos, a nutrir sentimentos de insegurança por envelhecer. Para impor um produto, a indústria dos cosméticos, juntamente com a mídia, cria padrões de beleza e consagra a mulher jovem.

Os segredos da arte de seduzir na cultura de massa passam a ter papel importante, porque orientam o saber-viver do cotidiano. Para Edgar Morin, “estamos a tal ponto habituados a ver as mulheres pintadas, preocupadas com sua linha, peritas em *toilette* e em moda, que esquecemos o que significa esse *aparato*” (MORIN, 1999, 126). Ou seja, a cultura de massa introduziu em nossos costumes um erotismo cotidiano. Assim:

A mulher modelo desenvolvida pela cultura de massa tem a aparência da boneca do amor. As publicidades, os conselhos, estão orientados de modo bastante preciso para os caracteres sexuais secundários (cabelos, peitos, boca, olhos), para os atributos

erógenos (roupas de baixo, vestidos, enfeites), para um ideal de beleza delgado esbelto - quadris, ancas, pernas. A boca perpetuamente sangrenta, o rosto pintado seguindo um ritual, são um convite permanente a esse delírio sagrado de amor que embota, evidentemente, a multiplicidade quotidiana do estímulo. (MORIN, 1999, 126)

A eterna busca do novo na cultura de massa se justifica exatamente pelo cansaço da repetição dos modelos que cria. Razão essa que leva à procura de novos cosméticos, novos tecidos, novos modelos, novos cortes de cabelo, novos produtos, novos comportamentos, que correspondem, segundo Morin, a uma dupla necessidade: a da reestimulação sedutora e a da afirmação individual, ou seja, ser diferente dos outros.

O novo na imprensa feminina leva a mulher a acompanhar as tendências da cultura de massa e a consumi-las com dedicação, esquecendo o novo que a precedeu.

Para Dulcília Buitoni,

o novo da imprensa feminina trabalha num nível secundário, na aparência. Não é vanguarda, não inova; sua aspiração máxima é ser a novidade que venda. É o novo que não pertence à arte; é o novo que serve ao consumo. Por isso, acentua-se mais e mais com a sociedade de consumo, à qual também ajuda a acelerar. (BUITONI, 1981, 130-131)

Portanto, para ser bela, a mulher precisa ter determinados objetos. Ela precisa ter para ser. Mas, muitas vezes, ela não consegue atingir tal objetivo sozinha ou na relação com o outro. A coluna feminina surge com um instrumento de ajuda para ensinar a mulher a vencer esse processo. Considerando a coluna de Ilka Soares, até para aprender a seduzir, a mulher precisará da mediação da coluna.

Edgar Morin identifica esse processo ao da moda e traça algumas considerações. A saber:

O primeiro motor da moda é, evidentemente, a necessidade de mudança em si mesma da lassidão do já-visto e da atração do novo. O segundo motor da moda é o desejo de originalidade pessoal por meio da afirmação de sinais que identificam os pertencentes da elite. Mas esse desejo de originalidade desde que a moda se espalhou, se transforma em seu contrário; o único, multiplicando-se, vira padrão. E é então que a moda se renova aristocraticamente, enquanto se difunde democraticamente. (MORIN, 1999, 126-127)

Se a sedução da mulher começa com sua aparência física, como afirma Helen Palmer, é lá no “Laboratório de Feitiçaria” que Ilka Soares, finalmente, aceita sua leitora em processo iniciático. Mas um processo, como a própria escritura clariceana, interminável no seu enredo que ressurgue sob novas configurações. É o caso de G.H., que de certa forma continua a história do assassinato de baratas. A narrativa, agora mais envolvente, fisgará o leitor na trama para conduzi-lo por caminhos ficcionais até a satisfação do prazer estético. De redenção, enfim, pela palavra.

A guloseima predileta, uma mistura para matar baratas, no entanto, transita sem pudor por essas páginas femininas e pela ficção de Clarice, interligando a mulher dos anos 50 com a dos 60. Uma receita atemporal, gênese do conto “A

quinta história”, que propõe uma discussão sobre a natureza da narrativa.

A mulher que se forma nas páginas femininas de Clarice Lispector, praticamente, é a mesma da ficção. Ainda que, aqui, desvestida do trabalho ficcional, apresente traços comuns. É a mulher às voltas com seu entorno, o ambiente doméstico, é a que possui inquietações, é a que tenta ouvir sua voz. Como a Ana do conto “Amor”. É também a que está à procura de sua feminilidade, é a que busca se conhecer, é a que se encontra na condição de mulher. Como a Lóri de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. São receitas e segredos que Clarice Lispector soube manejar e misturar em seu caldeirão alquímico, dividindo com a leitora de jornal uma visão às vezes estereotipada, mas revelando também segredos até então muito bem guardados. Para as que têm olhos de ver.

NOTAS

1. Informações mais detalhadas sobre o trabalho de Clarice Lispector em escrever páginas femininas e o trajeto jornalístico da escritora podem ser pesquisadas no livro *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas*, publicado pela editora Senac/SP.
2. Alguns desses textos foram reunidos e organizados por mim no livro intitulado *Correio Feminino*, publicado pela Rocco, em 2006.
3. As informações registradas aqui sobre a participação de Clarice Lispector e de seu pseudônimo em *Comício* foram dadas por Joel Silveira em entrevista a Aparecida Maria Nunes.
4. Talvez, Clarice Lispector tenha utilizado esse mesmo livro para selecionar receitas e segredos da dona-de-casa, que integrariam suas posteriores colunas femininas: “Feira de Utilidades” no *Correio da Manhã* e “Só para Mulheres” no *Diário da Noite*.
5. Além das “Aulinhas de sedução”, “O que é uma mulher bonita?”, “Laboratório de feitiçaria”, “Eles detestam...” e “Sempre mulher através dos tempos”, entre outras.
6. 09 a 15 de jun. 1960.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas-São Paulo: Papiros, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. São Paulo: Edições 70,

1981.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986. Princípios, 41.

CAMBARÁ, Isa. Clarice Lispector: “não escrevo para agradar ninguém.” *Folha de S.Paulo* : São Paulo, 10-9-1975.

GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta* . São Paulo: Ática, 1995.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

NUNES, Aparecida Maria. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas* . São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

NUNES, Aparecida Maria (org.). *Correio Feminino* . Rio de Janeiro, Rocco, 2006.

NUNES, Aparecida Maria. Clarice Lispector na imprensa brasileira. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). *Mulheres e Literatura: (Trans)Formando Identidades* . Porto Alegre (RS): Palloti, 1997.

SULLEROT, Evelyne. *La Presse Féminine*. Paris: Armand Colin, 1963.